



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO II • N° 3 • 2000

Entre o céu de Paris e a terra brasileira

Mostra do barroco

brasileiro em Paris

páginas 4 e 5

Banco de Dados: Inconfidência Mineira

página 3

Peça em destaque:

Anjo Tocheiro, de Aleijadinho

página 6



editorial

Quando, há cerca de dois anos, fomos contatados pela primeira missão da União Latina, que vinha plantar a idéia de uma exposição de arte barroca a ser realizada em Paris, a nossa disposição de apoiar o projeto foi de imediato manifestada. O Museu da Inconfidência compreendeu o alcance do que estava sendo proposto. Surgia ali uma possibilidade a mais para que ele pudesse cumprir sua missão institucional. Na verdade, não constitui tarefa secundária do seu programa ajudar na difusão de uma arte que, tendo marcado o período talvez mais criador da nossa história, foi resultado da mesma evolução social que produziu a conspiração política.

O ouropretano autêntico, que nasceu e cresceu com a consciência da grandeza do seu passado, às vezes é levado a adotar atitude de displicência com relação ao problema da divulgação. Ele pensa que a cidade, tendo condições de atrair a atenção universal, não precisa estar se mostrando em exposições realizadas fora de sua circunscrição. Tal lógica só poderia ser aceita na medida em que desconsiderasse o fator tempo. Em virtude da fatalidade das limitações da sua existência, o homem por todo lado busca imprimir velocidade às suas relações com o mundo. E cada vez mais entende que o futuro é algo que deve ser diariamente conquistado.

Os centros controladores da cultura no mundo alcançaram a posição de que desfrutam por haverem se notabilizado pela riqueza daquilo que nessa área produziram. Por isso mesmo, as grandes potências da criação intelectual são em grande medida auto-suficientes. Bastando a si mesmas, dentro delas trabalha uma força de inércia que as leva a permanecer contemplando o seu próprio umbigo. Precisam ser conquistadas por todos aqueles que, por pertencerem a realidade diferenciada, dependem de apoio para lograr se inserir nas correntes de interesse que levam à sustentação de um prestígio mais amplo.

Paris é e sempre foi um dos espelhos do mundo. Ninguém pode desconsiderar esse fato. Por haver compreendido o alcance do que nos era acenado nos idos de 1998 é que neste momento podemos comemorar a vitória que está sendo repartida com todas as paróquias, museus e colecionadores particulares que fizeram empréstimos para a exposição "Brasil Barroco - Entre Céu e Terra". Conseguimos conquistar espaço na vitrine mundial do Petit Palais, prestigioso Museu de Belas Artes localizado bem no coração da capital francesa. A repercussão não pára, sustentada pelos órgãos de comunicação de maior peso, nos quais comparecem, assinando as matérias, jornalistas e estudiosos de grande representatividade. O clipe enviado pela União Latina ao Ministério da Cultura, de recolha de reportagens e artigos de jornais e revistas, tem cerca de quatro centímetros de lombada.

Capa:

PANORAMA DA PRAÇA TIRADENTES

Autor desconhecido

Positivo em albumina s/ papel • cerca de 1870

24x32m

ENTRADA DO PETIT PALAIS,

Sede do Museu de Belas-Artes da Cidade de Paris

isto é inconfidência

ANO II • Nº 3 • 2000

é uma publicação do
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais

Fone fax 031 551 1121 e 551 5233

museuinc@ouropreto.feop.com.br

Tiragem:

1500 exemplares

Periodicidade:

Trimestral - jan/fev/mar/2000

Projeto Gráfico

Lais Freire dos Reis

Editor

Rui Mourão

Banco de Dados: Inconfidência Mineira

Que fontes documentais sobre a Inconfidência estão sob a guarda do Museu? Qual o seu volume e precisa localização? Quais as condições de sua acessibilidade? Tais perguntas podem parecer fáceis de serem respondidas. Até bem pouco tempo atrás, entretanto, devido às possibilidades infraestruturais do Museu, as respostas só podiam ser dadas com muitas lacunas. Atender às consultas de todo o país demandava enorme mobilização e esforço dos nossos técnicos, que praticavam verdadeiro jogo de memória para a busca e recuperação de dados. Valiam-se de elementos como as cores das capas de livros, o formato das caixas de acondicionamento dos documentos, consultavam fichários, listagens, e passavam à busca nos locais de depósitos, prateleiras, gavetas e estantes, labirintos somente percorridos com muita paciência e boa vontade.

Para resolver a questão, o setor de pesquisa elaborou e vem desenvolvendo o projeto *Banco de Dados: Inconfidência Mineira*. Numa primeira etapa, ele está sendo criado a partir das nossas coleções, que funcionam na condição de laboratório, para em seguida se expandir com vistas a outras instituições do Brasil, também depositárias de fontes relativas à Inconfidência.

O levantamento do conjunto documental do Arquivo Histórico compreende 206 referências registradas em fichas individuais, entre manuscritos e impressos de natureza diversa, na sua maioria cartorária (que inclui partes do processo de Devassa), avulsos autógrafos, além de edições princeps e jornais. No que diz respeito ao acervo da Biblioteca, entre livros, artigos, publicações avulsas, verbetes em dicionário e enciclopédias, ainda em fase de coleta, já somam cerca de 600 referências. O grupo dos objetos da exposição permanente e da reserva técnica totalizam 56 itens, com suportes variados: madeira, metal, tecido, couro e pedra.

Está em fase de implantação o programa que deve gerenciar as informações, trabalho que começa a delinear formatos de tela e relatórios que vão permitir acesso rápido e eficiente, cumprindo uma das metas que o Museu da Inconfidência tem se proposto: cada vez mais, universalizar as informações para o público. É a articulação entre informática e história viabilizando uma parceria necessária nos tempos modernos.

CARMEM SILVIA LEMOS • HISTORIADORA

The screenshot shows a Microsoft Access database window titled 'Formulário Acervo Bibliográfico IM1'. The main window displays a form for 'Banco de Dados Inconfidência Mineira - Acervo Bibliográfico'. The form contains several fields and sections:

Registro	Numero de Chamada	Sobrenome do Autor	Nome do Autor
1	LI/09.2/01/01	BARBOSA	Waldemar de Almeida

Below this table are sections for 'Titulo do Volume' (Historia de Minas) and 'Subtitulo do Volume'. Another table lists publication details:

Edição	Trad/Coord/Edi/Colab	Idioma	Local	Editora	Data
		Portuguê	Felo Horizonte	Comunicação	1979

There are also sections for 'P/I/Bib' (518 il, Coleção/Serie: Formação His), 'Volumes' (vol. 2, Origem: BT: 2898, Sumario: Índios; O negro; O povo Mineiro; Da palhoça, Etiqueta de papel: 49), and 'Tipo Documental' (Livro).

Versão preliminar em estudo para consulta do acervo bibliográfico

AGENDA

Auditório

FEVEREIRO

Durante o mês

Reuniões com os monitores da Pastoral da Criança e do Menor do Bairro Santa Cruz. Instalação interativa e visitas orientadas à exposição *O Papel de Música*.

De 14 a 25

Exibição de filmes que abordam o papel da criança.

MARÇO

Dia 25

Lançamento do livro *Marília de Dirceu*, do escritor e cartunista *Nelson Cruz*.

De 25 a 31

Exposição dos ensaios ilustrativos do livro *Marília de Dirceu*.

ABRIL

De 3 a 7

Mostra de vídeo: série Monteiro Lobato.

Dia 14

Lançamento do livro *Pindorama, Terra dos Palmares, de Marilda Costa*.

Painéis: "Um Olhar Profundo Sobre o Descobrimiento do Brasil" (dramatização de textos de profissionais do ICHS e IFAC).

Sala

Manoel da Costa Athaide

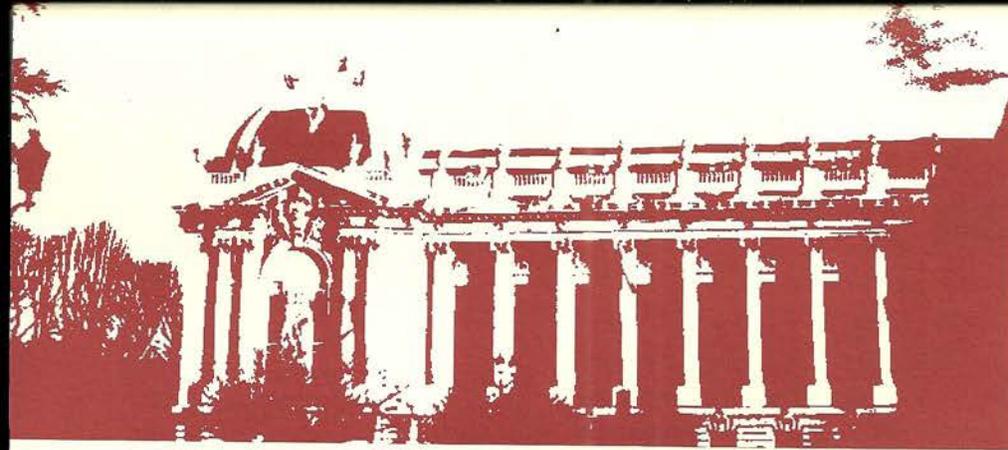
FEVEREIRO

Até o dia 27

O Papel de Música
Coleção Francisco Curt Lange,
Museu da Inconfidência.
Curadoria: Mary Angela Biason

De 12/3 a 12/4

Objetos, de Flávio Augustus
Curadoria: Yára Mattos



Entre o céu

“Brasil Barroco - E
acontece no Petit
centenário da inst

4

ela começou a ser organizada em 1998 e contou com patrocínio da Prefeitura de Paris, do Estado brasileiro e da União Latina. Os curadores responsáveis pela monumental apresentação de arte barroca brasileira foram Ângelo Oswaldo, ex-prefeito de Ouro Preto e atual secretário de Cultura do Estado de Minas Gerais, Gilles Chazal, diretor do Petit Palais, e Édouard Pommier, conselheiro de artes plásticas da União Latina e inspetor dos museus de Paris.

Os franceses, além de turistas provenientes dos mais diversos países, estão tendo oportunidade de apreciar o esplendor de peças expressivas do nosso barroco e rococó. As obras de artistas como Aleijadinho, Frei Agostinho de Jesus, Manoel da Costa Athaide, Mestre Valentim, entre outros, saíram dos mais diferentes pontos do Brasil: Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul.

Para reunir as 350 unidades, colaboraram o Museu do Louvre, a Biblioteca Nacional de Paris, o Museu da Inconfidência, os museus de arte sacra da Universidade da Bahia, de São Paulo e da Cúria de Mariana, o Museu Histórico Nacional, o Museu Carlos Costa Pinto, o Museu do Aleijadinho, a Fundação Maria Luísa e Oscar Americano, o Museu de Arte Antiga de Portugal, igrejas e mosteiros brasileiros e colecionadores particulares, como Ângela Gutierrez, João Marino, Beatriz e Mário Pimenta Camargo.

Antes de o visitante penetrar no fascinante mundo da arte barroca, no hall de entrada acham-se expostos grandes painéis fotográficos das fachadas das mais importantes igrejas do Brasil, como a de São Francisco de Assis, de Ouro Preto, e a de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, do Rio de Janeiro.

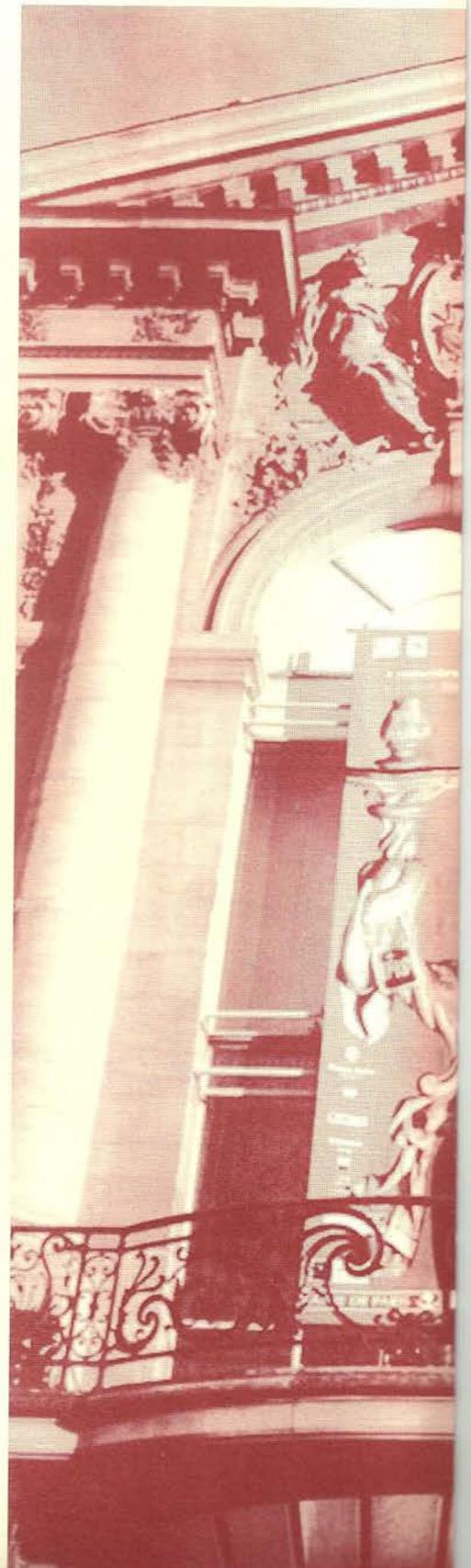
A exposição ocupa 13 salas, tendo a iluminação direcionada somente para os objetos, o que cria um ambiente de penumbra, acabando por proporcionar ao visitante a sensação de estar atravessando verdadeiro túnel do tempo. As contradições barrocas entre claro e escuro, material e espiritual tornam-se concretas e envolventes.

Mergulhada na aura do passado, cada sala corresponde a tema marcante da evolução da arte brasileira. Passando pela “Descoberta”, “Os índios e o pau-brasil”, “As presenças holandesa e africana”, “A arte de Frei Agostinho da Piedade”, “A arte de Frei Agostinho de Jesus”, “A arte do barroco e o rococó”, “A arte da ourivesaria religiosa”, “O ouro de Minas Gerais”, “Minas Gerais - devoções familiares”, “A arte de Minas Gerais”, “O Aleijadinho” e “Rio de Janeiro - Valentim da Fonseca e Silva”, o circuito vai terminar com “Rio Grande do Sul - As Missões”.

Destaque para Minas

O ponto alto da exposição do Petit Palais, sem dúvida nenhuma, é a parte referente a Minas Gerais. O número de salas dedicadas ao Estado e a denominação delas já são indicadores nesse sentido: “O ouro de Minas Gerais”, “Minas Gerais - devoções familiares”, “A arte de Minas Gerais”, “O Aleijadinho”.

Tornado vedete absoluta da mostra, havendo o seu nome tomado conta dos artigos críticos e reportagens que vêm encontrando abrigo na imprensa mais prestigiosa de Paris, Antônio Francisco Lisboa contou com espaço exclusivo, que merece ser devidamente caracterizado.



u de Paris e a terra brasileira

ntre Céu e Terra”, a exposição que desde 3 de novembro
Palais, em Paris, comemora os 500 anos do Brasil, o
ituição que a abriga e a passagem para o novo milênio.

Aleijadinho

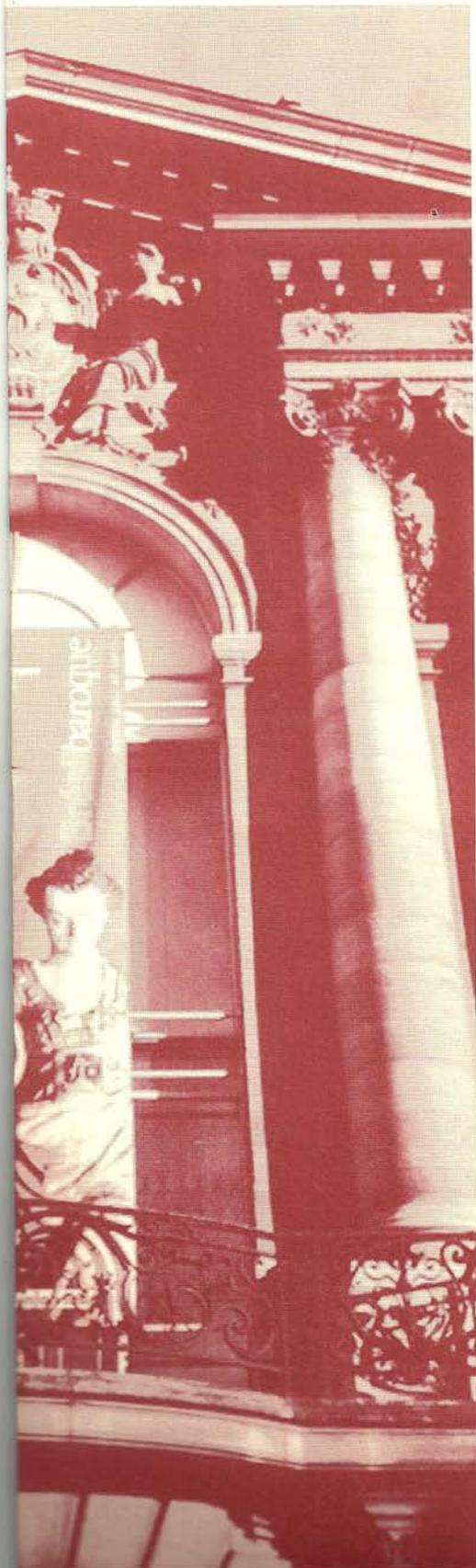
O grande artista merecidamente tomou conta de dois ambientes da exposição, as salas de número 11 e 12. Na primeira, a introdução à arte do Aleijadinho é feita por fotos de Ferrante Ferranti, sobretudo das esculturas em pedra-sabão de Congonhas do Campo. Exibidas em plataforma que circunda a sala junto à parede, elas são como que o pano de fundo para a apresentação dos quatro leões suportes de eça, provenientes do Museu do Aleijadinho, de Ouro Preto. Acima dessas peças, que foram erguidas em absoluto destaque numa prancha por colunas dispostas nos quatro cantos, está a reprodução do teto da Igreja de São Francisco de Assis, de Ouro Preto, cuja autoria é de Athaíde.

Ao passar à sala seguinte, o visitante logo se depara com a escultura de São Jorge empunhando a lança, em tamanho natural, proveniente do Museu da Inconfidência. À direita, destacam-se outras peças dessa mesma instituição: um recibo assinado pelo artista, referente às obras de Congonhas, as quatro figuras de presépio (duas de rocã), um desenho aquarelado da fachada da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de São João del Rei.

Sobre uma estrutura plana, destacam-se seis esculturas religiosas: “Santana Mestra”, proveniente do Museu do Ouro, de Sabará, duas Santas Luzias, “Santo Bispo”, outra “Santana Mestra” e “São Joaquim”, todos do Museu Arquidiocesano de Mariana, e uma cartela presa à divisória que compõe o ambiente. À direita, vêem-se dois desenhos pertencentes ao Museu da Inconfidência: o da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto e o da Igreja de São Francisco de Assis de São João del Rei. E uma Nossa Senhora do Rosário encimada por um Divino Espírito Santo. À esquerda, podem-se observar os óleos sobre tela atribuídos a Manoel da Costa Athaíde, originários de Belo Vale e pertencentes ao IEPHA, “Anunciação” e “Adoração”, que figuram ao lado do “Via Sacra”, do mesmo autor, de propriedade do Museu da Inconfidência. A seguir, aparecem duas esculturas, “São Luis” e “Nossa Senhora do Carmo”, mineiras, de coleção particular. À saída da sala, desenho apresentando o arco da Igreja de São Francisco de Assis, de Ouro Preto, propriedade do Museu da Inconfidência.

Nessa sala, o efeito produzido por cortinados transparentes que cercam os objetos posicionados ao centro da mesma refletem certo ar de mistério, acentuando a curiosidade em torno do trabalho do artista. O visitante pode ver ainda, nesta parte, um “Cristo Ressuscitado”, colocado sobre pedestal oval, ladeado por duas “Santanas Mestras”, uma do Museu do Arquidiocesano de Mariana, outra do Museu de Arte Sacra de São Paulo. Além disso, um “Anjo Tocheiro”, em madeira pintada e dourada, do Museu da Inconfidência, e, sob pequena bancada, dois bustos-relicários, do Museu Arquidiocesano de Mariana.

Finalizando, já na transição para a última sala, vêem-se duas esculturas: “São Francisco de Paula”, proveniente de Mariana, e “São Joaquim”, do Museu do Aleijadinho, de Ouro Preto.



Anjo Tocheiro, Obra do Aleijadinho

Trata-se de peça de 1,75m de altura, incluindo a peanha, de madeira policromada e dourada, que no Museu da Inconfidência em 1961, anônimo, apresentava-se na Sala dos Oratórios. Substituindo na direção da casa a Orlandino Seitas quando de sua viagem aos Estados Unidos, ela chamou-nos a atenção desde o primeiro contato, a alguma distância mesmo. E por várias razões. Era o perfil de uma elegância máscula; a solução original de figura bem recortada sobre pedestal trípole muito alto em confronto com o que se usava, e leve pela gracilidade das curvas; a captação, na atitude, de um momento que passa mas tem sua intensidade própria, vida, por conseguinte.

Essa primeira impressão foi quase simultânea à observação de que se tratava de um Aleijadinho. Embora uma figura alegórica, que portanto não reclamava o potencial expressivo de seus trabalhos religiosos, os demais característicos seus estavam ali. Desde a cabeça. Nas feições bem definidas - nos olhos grandes com seu amendoado peculiar; nariz e boca de desenho fino, porém marcados; queixo forte; orelhas com brinquinho, como nas samaritanas do púlpito do Carmo de Sabará e da fonte do Seminário Menor de Mariana; no modelo do rosto e do pescoço. Sua presença estava ainda registrada no penteado sui generis do coque enrolado alto que se deixa cair sobre as costas, nos cachos miúdos que rematam a nuca, no topete à frente e na mecha que escapa em vírgula sobre a testa; todos presentes também nas ditas samaritanas.

Traía-o ainda o modelado dos braços e das pernas. Pernas de joelhos robustos, que sustentam o corpo e pisam; braços roliços, que seguram um elegante lampadário, de um

lado, e de outro um escudo extremamente fantasioso, que o artista, a partir do altar de São Francisco de Paula, na Matriz de Caeté, por várias vezes usou na década de 70. Mãos femininas, tratadas com graça e sensualidade tátil, como as da Nossa Senhora do lavabo da sacristia. Dela também as fitas dos escapulários com o bastão da ordem, com o mesmo tremular que deixou consignado nesse chafariz e nas fitas que ladeiam o medalhão da virgem no coroamento da portada da Igreja de São Francisco de Assis, da mesma cidade.

A rigor sua marca prosseguia nas vestes com seus "vv" que se repetem paralelos, e mais particularmente no remate das mangas e no laço à cintura, semelhantes aos da imagem de São Miguel da fachada da igreja de seu nome. Aparentada à peanha desse santo era a do anjo, porém feminina em seu contorno e nos ornatos delicados. Esses, simétricos ainda, a corroborar a datação que o evidente cuidado da fatura denunciava.

Não havia na peça qualquer informação de proveniência. De volta ao IPHAN, consultamos no arquivo a documentação referente às igrejas carmelitas, em consequência dos escapulários que trazia. E defrontamos com ele numa foto do lado da epístola na capela-mor da igreja ouropretana. Só não dava para concluir se teria ou não tido seu pendant. Aliás, sua falta não seria de admirar, pela relutância do Aleijadinho de se repetir.

Anos mais tarde, na administração Rui Mourão, ao recebermos na sede as fichas antigas para novo inventário sob responsabilidade de nossa divisão, verificamos que ali já constava sua proveniência.

LYGIA MARTINS COSTA • PROFESSORA E CRÍTICA DE ARTE



6

O QUE DISSERAM SOBRE NÓS

Caro Rui, recebi o eficiente e informativo jornal do Museu da Inconfidência. ... bem feito, bem paginado, claro, de bom gosto. E nos coloca a par do que está ocorrendo, além de nos dar um momento de saudade proustiana-mente barroca.

AFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

ESCRITOR, PROFESSOR E EX-PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Parabenizamos mais essa iniciativa do Museu da Inconfidência, não somente pela persistência na publicação - pois sabemos das dificuldades que enfrentamos para divulgar a cultura nacional - mas principalmente pela qualidade dos artigos, a preciosidade das informações e a excelente programação gráfica.

JEANNE FONSECA LEITE NOVAIS

DIRETORA DA 3ª SUBR. IPHAN/RN

Acusa o recebimento do 2º número de Isto É Inconfidência, com informações sintéticas e artigos condensados, precisos quanto à forma e conteúdo, como há de ser

um bom informativo dessa natureza, que proporciona, aos historiadores e admiradores desse Museu, a visão clara do que está acontecendo administrativa e culturalmente na casa.

JOSÉ ROMUALDO QUINTÃO

PINTOR

Maria Margareth Monteiro, tornei conhecimento de sua admirável realização "Mostra da Arte e Cultura Indígenas Brasileiras", através do Isto É Inconfidência, Ano I, Nº 2, 1999, pela qual venho cumprimentá-la.

MARIA AUGUSTA CALADO

GOIÂNIA

Parabéns pela bela edição. Gostaria de cumprimentar a equipe que organizou o boletim. Um especial abraço para as colaboradoras Maria José Cunha e Beth Salgado.

VERA CHAVES PINHEIRO

EX-PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DE ARTE DE OURO PRETO

Acusamos o recebimento do Isto É Inconfidência, Ano I, Nº 2, 1999.

Parabenizo o Museu pela tão importante iniciativa de informar, ao público em geral, um pouco da nossa história e cultura.

ARQUITETA LOUISE RITZEL

DIRETORA DO DEP. DE PROTEÇÃO DO IPHAN

Recebemos o Nº 2 de Isto É Inconfidência. Parabéns a V.Sa. e equipe.

Estamos mantendo em nossa biblioteca esse boletim e gostaríamos de ter o primeiro exemplar, bem como os seguintes, que irão figurar em nossos registros.

MARIA ISABEL E HERMÍNIO SOUZA SANTOS

DIRIGENTES DO PRÓ-MÚSICA EM JUÍZ DE FORA

Isto É Inconfidência indubitavelmente será de grande importância para o nosso acervo. Que nos sejam enviados os outros números, quando de novas tiragens.

EDUARDO FRANCISCO PIMENTEL

DIRETOR DO ARQUIVO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO CARANGOLENSE

Carta de Brasão de Armas

Em 1775, D. José I, rei de Portugal, concedeu a Francisco Sanches Brandão a Carta de Brasão de Armas de Nobreza e Fidalguia. O agraciado, que exerceu o cargo de capitão de dragões da guarnição de Minas Gerais, foi casado com Isabel Feliciano Narcisa de Seixas, tia materna de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, Marília de Dirceu. O capitão descendia das famílias Silva e Ávila.

Graças à doação de um descendente, José da Silva Brandão, desde 1998 o documento integra o acervo do Museu. Manuscrito em pergaminho, ornado por iluminuras, contendo três folhas, é encapado em couro vermelho, com apliques dourados de motivos florais. Suas dimensões são 29x19cm e, na capa, de 29,5x20.

Trata-se de escudo esquartelado, isto é, dividido em quatro partes. Na primeira, em campo azul, aparecem as armas dos Brandão, cinco brandões (tochas ou archotes) acesos, de ouro, em sautor (peças móveis dispostas em grupo). Na segunda, referente aos Silva, um leão púrpura e azul em campo de prata. Na terceira seção, dedicada aos Ávila, em campo de ouro, treze tortões azuis (círculos em forma de tortas) em três palas (forma vertical da sua disposição). Acima do escudo, se apresenta o elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. O paquífe, folhagem ornamental que se estende saindo do elmo, tem as mesmas cores do brasão. O timbre, ornamento da parte mais elevada do elmo, é o dos Brandão - dois brandões acesos, atados com um torçal ou cordão azul. A primeira parte do escudo se diferencia da quarta apenas por uma brica - marca que se encontra no seu canto superior esquerdo: a letra F, inscrita em pequeno quadrado de fundo prata.

Normalmente os brasões eram requeridos pelos interessados, que comprovavam ascendência nobre e honrada e arrolavam os relevantes serviços prestados ao Reino. O

favorecido e seus descendentes ficavam com o direito de reproduzir o seu brasão em escudos, anéis, sinetes, divisas ou colocá-los em casas, capelas e outros edifícios, além de sepulturas. Podiam gozar de todas as honras, privilégios, liberdades, graças, mercês e regalias, "como a sua Nobreza convem."

Referenciado como Carta de Brasão de Armas, este documento é na verdade uma Carta, cujo texto descreve e apresenta o desenho de um Escudo de Armas. Brasão comumente é designativo de escudo de armas, conjunto das peças que compõem o escudo heráldico. Blasonar é pintar ou traduzir em palavras as partes de um escudo.

SUELY PERUCCI • HISTORIADORA E CHEFE DA SEÇÃO DE PRESERVAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA



© Museu da Inconfidência, já de olho na reformulação da exposição permanente, vem cuidando da restauração de várias pinturas que integram o acervo. O trabalho de duas grandes telas - "D. Pedro II" e "D. Tereza Cristina" - foi terceirizado, enquanto o laboratório da instituição assumiu diretamente a incumbência de três outras. Entre as últimas se destaca a "Santa Ceia", também de porte avantajado, e até agora desconhecida.

Na década de setenta, o diretor que assumia, vendo pelo registro da seção técnica que a peça se encontrava no laboratório central do IPHAN, há vários anos aguardando intervenção, tratou de pedi-la de volta. Os restauradores do Rio de Janeiro viviam

Santa Ceia

assoberbados por tarefa de âmbito nacional e não sabiam quando teriam disponibilidade para atender o Museu.

A pintura chegou e o nosso laboratório, que acabava de ser implantado, também ficou sem poder dar-lhe atenção. Recolhida durante outros tantos anos à reserva técnica, só agora ela está a caminho de recuperar a sua integridade e, afinal, poder marcar presença na exposição.

Obra de mérito inquestionável, é rica de simbolismo, permitindo mais de

uma leitura, inclusive profana. A mesa em torno da qual se reúnem os personagens sagrados possui tampo vazio e no seu centro aparece apenas bandeja com uma ossada que parece ser de peixe. Na base da pintura à esquerda, vê-se um triângulo, que remete sem dúvida à Santíssima Trindade.

A higienização e remoção do verniz oxidado fizeram ressurgir a assinatura da autoria: Xavier Marianensis. Trata-se de pintor ainda não identificado, que vai exigir um esforço de pesquisa para tentar situá-lo, tanto historicamente quanto espacialmente.

MARIA CRISTINA VALÉRIO
EDSON FIALHO DE REZENDE
RESTAURADORES

Exposição do acervo de manuscritos musicais

A abertura da exposição *O Papel de Música*, a 17 de dezembro, foi precedida de concerto no Teatro Casa da Ópera, a cargo do Madrigal da Universidade Metodista de São Paulo, sob a regência de Fábio Henrique Silva, que apresentou obras de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita e André da Silva Gomes.

A mostra, além dos manuscritos autógrafos de Francisco Gomes da Rocha e Carlos Gomes, inclui obras de Palestrina e Boccherini e dois painéis que põem em destaque testemunhos como carimbos de propriedade, textos explicativos e maneira de anotar as viradas das páginas. Visando torná-la mais dinâmica, e para atender a conveniências de preservação, haverá rodízio das músicas que até 27 de fevereiro estarão sendo mostradas na Sala Manoel da Costa Athaide.

Casa do Pilar

Entre as obras a serem financiadas pelo BID, está o tratamento urbanístico adequado das margens do Tripuí, no trecho que se inicia na ponte dos Contos. A Casa do Pilar, Anexo III do Museu da Inconfidência, deverá ser beneficiada. Os seus fundos estarão voltados para uma via de circulação pública de grande interesse.

Previendo a possibilidade de uma saída do imóvel naquela direção o Museu, que tem projeto da construção de jardim no quintal, já começou a pensar no futuro. Abre no momento uma porta na sua fachada posterior e promove adequada reforma dos banheiros do primeiro piso.

Maquete

Acaba de ser entregue a maquete ilustrativa da história da mineração em Ouro Preto, que deverá figurar na nova exposição permanente. No bloco único de um metro e dez ao quadrado, estão representados os montes e vales típicos da paisagem ouropretana e os três processos utilizados na exploração do ouro na região: a cata, o mundêu e a mina.

A peça foi executada pela firma Ribeiro Maquetes, do Rio de Janeiro, que realizou competente pesquisa histórica e teve o cuidado de colher, para maior exatidão no emprego das cores, pigmentos das montanhas ferruginosas do Itacolomy.

Marco dos 500 anos

Os marcos da passagem dos 500 anos que o governo federal deseja localizar em cada estado, distinguindo as contribuições relevantes, estarão incluídas nas solenidades comemorativas de abril.

O Museu da Inconfidência, que será contemplado, deverá conservar a exposição permanente atual inalterada até aquela data. No mês seguinte é que terão início efetivo, sob o comando do técnico francês Pierre Catel, as obras de reformulação programadas

Janine

A museóloga Janine Menezes Y Ojeda, que havia deixado o Museu para cursar pós-graduação em Portugal, resolveu pelo adiamento desse projeto e retornou ao Brasil.

O Inconfidência está estudando a possibilidade de contar de novo com a sua colaboração. Desde o início deste jornal ela foi peça fundamental na sua secretaria.

Luiz Porto

Os meios culturais do Rio de Janeiro estão chocados com o acidente sofrido pelo historiador Luiz Porto, do Museu da Marinha e ex-diretor substituto do Museu Histórico Nacional.

Havendo seu carro colidido contra um ônibus, ele foi internado em hospital com vinte fraturas. No momento, já recuperou a consciência.

Cuba

Yára Mattos, do corpo técnico do Museu, viajou para Cuba, onde deverá realizar módulo do curso de doutoramento em que se acha envolvida desde o ano passado.

Naquele país se encontra também Rosa Wood, assessora da direção do Museu, que aproveitou as férias anuais para acompanhar o marido, companheiro de pós-graduação de Yára.

Ecyla Brandão

A Museóloga Ecyla Castanheira Brandão, que além de professora de Arte Brasileira na UFRMJ, foi coordenadora substituta do Programa Nacional de Museus, vice-diretora do Museu Nacional de Belas Artes e diretora do Museu Histórico Nacional, viu-se distinguida, em 1999, com a comenda do mérito cultural do Ministério da Cultura.

Em 1998 ela já havia ganho o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade.

Anjo Tocheiro

O *Anjo Tocheiro*, do Museu da Inconfidência, recebeu destaque consagrador na excursão que está fazendo a Paris. Escolhido para capa do catálogo e ilustração do convite, ele acabou convertido em cartaz publicitário da exposição "*Entre Céu e Terra*", aparecendo em postes de rua e na fachada do edifício do Petit Palais.

Homenagens

Duas recepções de grande gala marcaram a abertura da mostra do barroco brasileiro em Paris. As pessoas que contribuíram para o evento foram homenageadas com um banquete no Vaux le Vicomte - o mais importante castelo renascentista da Europa, que inspirou a construção do Palácio de Versalhes e fica nas imediações de Paris - e outro no Museu Carnavalet, cuja sede é a antiga residência de Madame Sevigné.

No castelo, o que houve foi acontecimento social aparatoso. A fachada do monumento se encontrava iluminada por velas dispostas nas janelas e o acesso até lá incluiu uma caminhada a pé de uns duzentos metros, quando os convidados, descendo de ônibus, passaram a se deslocar entre duas fileiras de candelas a óleo, dispostas de um lado e do outro, no chão. Os que entravam no grande salão eram anunciados por arauto que, com largo colar de prata no peito, fazia soar contra o assoalho o seu bastão. Houve execução de música de época por três profissionais vestidos como no século XVIII, e depois, enquanto se desfrutava da culinária e do alto luxo do serviço francês, o mesmo grupo se deslocou de mesa em mesa, brindando os comensais com mais esse requinte de violino e celo tocados ao aconchego do ouvido.

Revista

Está sendo lançado o número zero de *Oficina do Inconfidência - Revista de Trabalho*, novo órgão de comunicação cultural do Museu.

De estudo e pesquisa alentada, a publicação não ficará restrita aos que trabalham na casa. A contribuição de fora será bem vinda. Ensaios sobre os temas relacionados diretamente com as atividades do Inconfidência e com as áreas científicas mais próximas - patrimônio, história, sociologia, antropologia, arte brasileira tradicional - poderão ser encaminhados para exame.